

Barbazul



Era uma vez um homem muito rico, dono de enormes palácios e valiosos tesouros. Apesar da riqueza, ele era triste, pois era solitário e tinha uma estranha barba azul que amedrontava quem o olhasse. Todos o chamavam de Barbazul.

Ao lado do palácio de Barbazul morava uma senhora com suas filhas: Ângela e Eugênia. Ninguém sabia dizer qual delas era a mais bonita.

Certo dia, Barbazul pediu à mãe das moças para se casar com uma delas, mas nenhuma das jovens aceitou o convite. Além do medo, sabiam que ele fora casado outras vezes e que cada esposa havia sumido misteriosamente.

Para agradar às irmãs e à mãe delas, Barbazul ofereceu uma temporada de férias em um de seus palácios no campo. Foram dias tão alegres e divertidos que Eugênia se convenceu a casar com o misterioso Barbazul.

Casaram-se. Pouco tempo depois, ele informou à Eugênia que faria uma importante viagem de negócios, e acrescentou:

— Estas são as chaves do palácio e dos meus tesouros. Você tem permissão para fazer o que quiser, mas não use esta chave menor, que abre o quarto do final do corredor. Se você usá-la, se arrependerá amargamente.





Ela prometeu que não usaria a chave e Barbazul partiu.

Curiosa, horas depois, Eugênia resolveu abrir a porta do quarto proibido.

Que surpresa a aguardava! Mal abriu a porta e viu uma cena horrível: havia manchas de sangue no chão e, nas paredes, havia vários corpos... Eram as antigas esposas de Barbazul.

Eugênia ficou tão apavorada que começou a tremer, deixando a chave cair sobre o sangue. Desesperada, apanhou a chave, fechou a porta e correu dali.

Logo percebeu que a chave estava manchada de sangue e tentou limpá-la de todas as formas, mas não conseguiu. Com medo, correu para o quarto e escondeu a chave.



Ao voltar, Barbazul conferiu todas as chaves. Notando a falta da chave menor, obrigou Eugênia a devolvê-la.

— Por que esta chave está manchada de sangue, Eugênia?

— Não sei, meu marido — respondeu Eugênia, trêmula.

— Sabe sim! Você entrou no quarto e descobriu meu segredo. Agora, vai voltar para lá e fazer companhia às outras que também me desobedeceram.

— Esposo meu, então dê me algum tempo para fazer minhas orações e entregar minha alma para Deus — implorou Eugênia, quase sem voz.

— Apenas quinze minutos, nada mais que isso — concedeu Barbazul, impiedoso.

A moça subiu correndo para o quarto cujas janelas davam para a casa da mãe. Vendo a irmã no quintal, Eugênia pediu socorro e contou que estava correndo perigo.

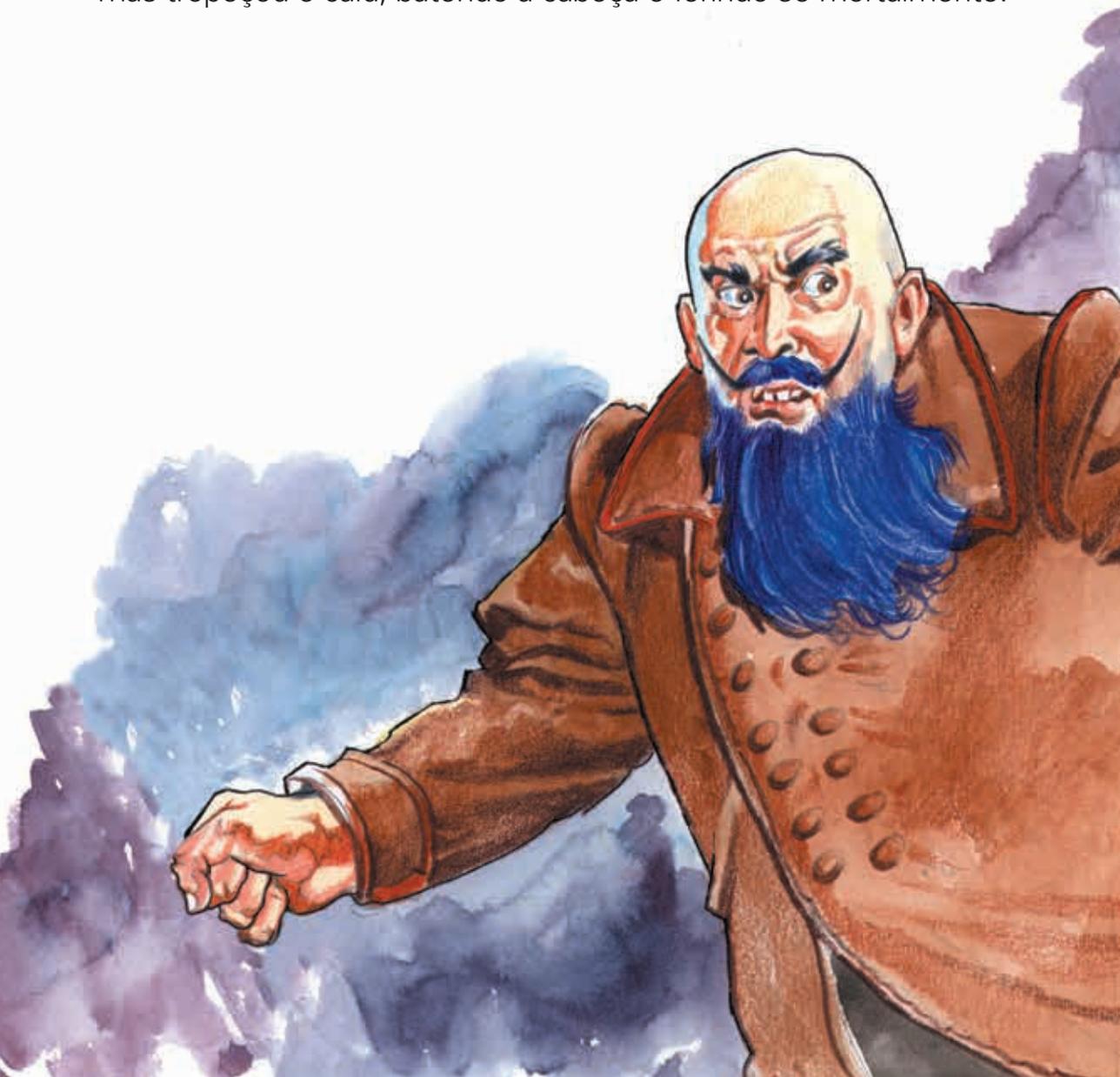
Rapidamente, Ângela subiu ao terraço e viu ao longe dois soldados que cavalgavam naquela direção. Então, começou a fazer sinais, usando um lenço vermelho, para que os soldados se apressassem.



O tempo se esgotou e Barbazul começou a gritar tão alto que Eugênia teve de descer e se apresentar a ele. Tentando ganhar tempo, ela andava de um lado para o outro, pedindo perdão ao esposo, mas ele mantinha-se inflexível e não mudava de opinião.

O malvado estava quase dominando Eugênia quando, de repente, um forte estrondo se ouviu e a porta do palácio foi arrombada pelos soldados, surpreendendo o malvado Barbazul.

Amedrontado, Barbazul tentou fugir dos corajosos soldados, mas tropeçou e caiu, batendo a cabeça e ferindo-se mortalmente.







Após o enterro, descobriu-se que Barbazul não tinha nenhum parente. Sendo assim, Eugênia era sua única herdeira.

Ela repartiu com sabedoria a imensa fortuna que herdou. Proporcionou uma vida farta à mãe e à irmã e guardou para si uma parte dos tesouros.

Alguns anos mais tarde, Eugênia conheceu um jovem cavaleiro muito honesto e de bom coração com o qual se casou e viveu feliz por muitos e muitos anos.